1.º ANNO — Sabbado, 6 de junho de 1908 — Numero 16

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS
Anno (Portugal e colonias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 »
Trimestre . . . . 300 »
Avulso . . . . 30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA
Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS
Por linha . . . . 20 réis
Repetições . . . . 15 »
ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

A CANALHA

Assim como existem as camisolas elasticas, as ceroulas elasticas e as meias elasticas, ha tambem as *palavras elasticas*.

Palavras elasticas são aquellas que se empregam, quando outra se não conhece; as que se usam, quando outra não occorre; as que se proferem, quando outra desmascara um proposito que se pretende occultar. A estas pertence agora a palavra «**canalha**».

A elasticidade que se tem dado a este termo é tal que, d'aqui a pouco, por canalha entende-se tudo, desde o vadio ratoneiro, faquista, desbragado e sem nenhum senso moral, até ao homem modelar que alia a uma intelligencia clara e culta uma sentimentalidade educada e delicada e um caracter tão limpido, tão regular e tão forte, como um puro, um geometrico e um rijo diamante. A canalha será assim a rede de arrastar, de malha sufficientemente meuda para que nada escape, nem a innocencia, nem a santidade, nem nenhuma outra grande virtude.

O que, porém, me causa admiração, senão assombro, é que são os homens instruidos e de elevada posição social que estão dando uma exagerada elasticidade ao termo «**canalha**», não reparando em que por tal processo não tardaria que o elastico e infamante *maillot* tanto se ajustasse ao corpo da creatura insignificante que tem domicilio certo na cadeia, como ao do grande homem que se envaidece com os arminhos de par ou com o titulo de conde.

Foram precisamente dois Dignos Pares—os snrs. Jacintho Candido e D. João de Alarcão e dois condes—o de Bertiandos e o de Arnoso, quem atirou ultimamente para a circulação a palavra «**canalha**» na acepção de «**povo**». Aquillo a que elles chamaram **canalha,** quando na Camara Alta protestaram contra as contra-manifestações com que foram acompanhados ao Paço os manifestantes de Coimbra, era o **povo.**

Canalha era o povo que no Rocio e na rua do Ouro apupou a vergonhosissima manifestação palaciana de certos estudantes de Coimbra. Canalha era já antes o povo que em 5 de abril foi barbaramente assassinado pela guarda municipal, junto á egreja de S. Domingos, quando no rigoroso cumprimento d'um alto dever civico, reclamava que a urna sagrada do seu sufragio fôsse selada e guardada na sua presença. Canalha era o povo que em 16 de fevereiro silencioso, pacifico, sinceramente comovido, indiferente á ameaça policial e marcial feita pelo governo, subiu ao Alto de S. João, para espargir braçados de flores sobre as sepulturas de dois populares fusilados junto de uma carruagem real. Nem o intimidou o que pensariam do seu acto as nações estrangeiras. Parecia que para qualquer reparo vindo de além-fronteira, já levava engatilhadas algumas perguntas: *França! que fizeste da cabeça de Luiz XVI e de Maria Antonieta? Inglaterra! que fizeste da cabeça de Carlos I e de Maria Stuart?*

Canalha era o povo que em 28 de janeiro encheu os calabouços da policia e da municipal e se amontoou dentro dos fortes de Caxias e de Sacavem, porque n'esse dia de immorredoura memoria quiz desmentir as calumnias e as infamias que com a cumplicidade de portuguezes indignos d'este nome e indignos em absoluto se publicavam na parte venal ou ignorante da imprensa estrangeira. Parecia que para o sacrificio e para o martirio o animava a certeza de que os portuguezes d'amanhã saberão glorificar, n'um monumento, as virtudes civicas dos que expulsaram do solo da patria o traidor João Franco, como os de hoje souberam prestar a devida homenagem em outro monumento, aos que em 1640 justificaram aquelle outro traidor que foi Miguel de Vasconcellos.

Canalha era o povo que em 18 de junho, quando o valido de D. Carlos voltava do Porto, onde tinha ido fazer o seu ultimo perjurio e deixar o derradeiro vestigio da sua honra, desceu á rua para atirar o escarro do seu desprezo á face do desqualificado. Parecia que não acreditava que houvesse ninguem com bojo bastante para oppôr-se a um acto de tamanha justiça. E quando a policia e a municipal, surprehendendo-o desarmado, começou a disparar traiçoeira e criminosamente contra elle, teve um improviso epico; levantou—mas levantou de facto—as pedras das calçadas e bateu-se heroicamente, durante seis horas que ficaram valendo por seis seculos de historia.

O povo, é pois, a canalha a que aludiram os Dignos Pares snrs. Jacintho Candido e D. João de Alarcão e os condes de Bertiandos e de Arnoso, porque a canalha que escorraçou em Lisboa os acefalos do Museu Anatomico da Universidade de Coimbra, é a mesma massa de gente que os mesmos senhores ou outros de egual jerarquia considerou tambem, quando fez a romaria piedosa ao Alto de S. João, ou quando se deixou assassinar junto á egreja de S. Domingos.

O povo—dizem aquelles e outros senhores—nunca toma parte em taes espectaculos: o que apparece n'essas occasiões é sempre a canalha. E assim, dando a esta palavra uma extraordinaria elasticidade, occultam com ella, por falta de coragem moral, os seus odios contra o povo; e com ella disfarçam o receio das represalias que o seu ultraje provocaria, se não fôsse tão cuidadosamente mascarado.

A canalha não tem nenhum senso moral, nem nenhum espirito de sacrificio e, por isso, nem se indigna perante a subserviencia d'alguns estudantes mediocres, nem se oppõe ás ballas homicidas no cumprimento d'um dever civico. Isto só o faz e o fez o povo, porque só elle mesmo é capaz de o fazer.

Canalha?

Abriu a Democracia de par em par as portas que durante seculos só davam serventia aos privilegiados, para os filhos do Povo que conseguiram passar, muitissimas vezes sem o merecerem, lhe darem com as portas na cara, resmungando com desdem: **canalha!**

Canalha, quem?

Aristocracia, o quê?

Ha só uma canalha digna d'este nome: é esse aleijão social que faz gala da sua miseria moral.

Ha só uma aristocracia de nome merecedora: é essa *élite* cuja intelligencia allumia a estrada da Verdade, ou cujo caracter illumina o caminho do Bem.

A. MARINHA DE CAMPOS.

CARTA DE LISBOA

3 junho de 1908.

Continuam a preparar-se manifestações monarchicas, com um desaforo unico.

Não se pensa n'outra cousa.

Já tivemos o grupo funebre dos «tripeiros thalassas», em seguida os não menos tristes 300 «filhos familias» da Universidade.

Aquelles representaram quem? Ninguem; isto é, representaram-se a elles mesmos.

Os monarchicos do Porto cabem n'um comboio, disse João Chagas, no entanto não é de mais relembrar que fizeram o frete com bastante abnegação.

Um tanto tristes, mas resolutos.

Agora os rapazes foi outra louça, porque elles representam o Futuro e os outros são o Passado.

De 1600 vieram a Lisboa 300 e tal, isto é, a quinta parte da academia.

Não foi possivel arranjar mais de 300 e tal nullos, incapazes e sabujos.

A monarchia recebeu-os com verdadeiro amor?

Pudera não!

São os seus servos futuros, os unicos com que pode contar.

A gamella é larga, e pode muito bem comportar mais 300 e tantas boccas para o Futuro.

De forma que essa *vara* de esperançosos veio á mostra; e a monarchia para os deslumbrar mostrou-lhes o refeitorio.

Em troca d'essa esperançosa promessa, que elles bem sabem, que a monarcaia não deixará de cumprir, o que fizeram?

Babaram-lhe o throno, rastejando como reptis.

Tinham fome, tinham sêde, e o moço rei tinha já falta de paciencia para os aturar.

Mandou-os por isso ao buffet; e elles, esquecendo o logar em que estavam, lá foram em louca correria, como quem disputa um premio.

Foi um verdadeiro assalto aos capilés, ás sandwiches e aos bolos, isto é, um desastre para o erario regio.

E' assim que a monarchia paga as adulações que lhe fazem:—Com um osso.

Um esfomeado, por um pão, mata o seu similhante; um ambicioso vende a honra por um saco de libras; os vaidosos dão tudo, e mais alguma coisa, por um penacho.

Esses rapazes fazem peior, porque vendem a dignidade só pela promessa d'um futuro, que tem todas as probabilidades de lhes ser adverso.

De maneira que a monarchia pode fazer á vontade a selecção n'essa manada de —nullos—, porque tem homens para tudo.

Eu vi-os muito bem, e digo que são nullos sem particularmente os conhecer, porque a maioria lá trazia bem patente a marca industrial do fabricante: Um zéro (como disse Junqueiro).

Na noute da partida era triste vel-os marchar á formiga para a estação.

Pareciam velhos cançados e tropegos, marchando com um pezo de 100 arrôbas ás costas.

E debaixo das suas capas negras lá levavam escondidas as mãos, para não terem que mostrar os sapatos.

Agora falta-nos vêr os Lourenços Mattos, de Braga, com os seus rostos seraphicos, e os seus bandulhos ditosos, entoando ladainhas e queimando incensos, pelas ruas da capital, em direcção ao Paço.

Os estudantes foram ao buffet; agora estes, por certo, quererão ir mais longe, á adega.

E' um costume de familia, e não ha que estranhar, real Senhor!

IGNOTUS.

Convite

A antiga commissão do monumento a José Estevão em Aveiro, procurou convidar individualmente para uma reunião que ha-de ter logar no dia 7 do corrente, pelas 11 horas da manhã, nos Paços do Concelho, todas as pessoas ás quaes possa interessar a celebração do centenario do nascimento d'aquelle grande orador. Mas podendo ser que, por lapso, tivesse passado algum nome que, para este fim, devesse ser lembrado, vem a referida commissão, por este meio, communicar a convocação da reunião indicada a todos aquelles que, por obrigação ou pelo culto de tão alta memoria, queiram concorrer para dignamente a recordar.

Aveiro, 3 de Junho de 1908.

João da Maia Romão
Anselmo Ferreira
Antonio de Souza
Domingos José dos Santos Leite
Manoel H. de Carvalho e Christo
Manoel da Rocha.

Monte-pio

Meu caro André Reis

Muito me obsequeias publicando no teu *Democrata*, do proximo sabbado, a carta que inclusa te envio, o que muito te agradeço.

Aveiro, 4—6—908.

Teu amigo obg.º
Joaquim S. Peixinho.

A' guiza de reclame ás pilulas Pink, voltou o sr. dr. Pereira da Cruz a ministrar em sociedade uma dóse de folhetos aos socios do Monte-Pio, folhetos em que s. ex.ª diz da sua justiça ácerca da exoneração dos facultativos da nossa associação de soccorros.

Mas d'esta vez o sr. dr. Pereira da Cruz, em commandita, entendeu dever chamar-me á contenda, pondo me em fóco na minha dupla qualidade de presidente da direcção cessante e de irmão do medico Lourenço Peixinho.

Acceito o repto e vou responder. Não porque reconheça o dever de dar ao sr. Pereira da Cruz a menor satisfação pelos meus actos de ex presidente do Monte Pio, mas porque tenho ensejo e necessidade de rebater os pontos falsos com que os signatarios do folheto pretendem justificar se e de repelir as insinuações que são assacadas aos membros da gerencia que commigo administraram e dirigiram o Monte-Pio o anno passado

Sei bem que é aos socios, como taes e no logar proprio, que tenho obrigação de explicar a administração que com os restantes membros da direção, se fez em 1907; e, quanto ao serviço medico, creio já ter dito o sufficiente na assembleia geral de 21 de março, a que, se bem me recordo, esteve presente o socio *benemerito* ou *honorario*, dr. Pereira da Cruz, e, onde, se não estou em erro, o primeiro signatario da prosa aos domicilios, **me escutou e até usou da palavra, em sua defeza.**

Não se lembra d'isso o sr. dr. Pereira da Cruz?

Não tem ideia s. ex.ª de me ter visto e até de me ter ouvido ali?

Se a memoria de tão benemerito socio assim foi traiçoeira, creia o nobre delegado de saude que não tenho duvida em repetir e ampliar o que então disse com todos os esclarecimentos novos, que necessarios se jam para completar a elucidação dos socios que pagam, e esteja s. ex.ª certo de que fico inteiramente ao seu dispôr para ouvir e retorquir na primeira occasião que o proprio sr. Pereira da Cruz póde promover, se lhe apraz.

Por agora, basta avivar ao sr. dr. Pereira da Cruz, que, se ficasse assente, como diz no seu folheto domiciliario, que os dois facultativos se ausentariam para a praia, um em agosto, outro em setembro, **ambos estiveram a banhos desde 5 de setembro, permanecendo fóra d'Aveiro durante a noite.**

E isto sem o consentimento nem audiencia da direcção que, em vista da má impressão causada e dos desarranjos que semelhante falta podia causar, teve de convocar os medicos para se regularisar tam anormal situação.

Mas não é verdade que o sr. dr. Pereira da Cruz houvesse combinado com a direcção a sua sahida em setembro.

O que se passou foi algo differente.

O sr. dr. Armando da Cunha, trazendo obras na sua residencia, participou, allegando essas obras, que iria para o Pharol em agosto, **com a declaração de que continuaria a estar a exercer a clinica vindo diariamente á cidade. E foi,** nada oppondo nem tendo que oppôr a direcção, não só porque a falta não era sensivel, por estar na cidade o sr. dr. Pereira da Cruz, mas tambem porque o contracto do sr. dr. Armando apenas o obrigava a participar a ausencia e não a pedir licença.

Antes de findar o mez de agosto, novamente foi participado pelo sr. dr. Armando que, não estando concluidas as obras da casa, continuaria na Barra em setembro.

Depois d'isto, já em setembro ou fins d'agosto, recebi do sr. dr. Pereira da Cruz pedido de licença para banhos, e a esta solicitação respondi que sim, mas que não partisse s. ex.ª **sem se combinar a maneira de se fazer de noite o serviço,** e só isto, porque o sr. dr. Pereira da Cruz *promettia tambem vir á cidade todos os dias*, como de facto veio, segundo penso.

O sr. dr. Pereira da Cruz, porém, ausentou se **sem aguardar a concessão official de licença e sem dar mais satisfações.**

E assim esteve o Monte Pio sem clinicos durante as noites de setembro, porque, quanto ao medico substituto, esse tinha participado a sua ausencia e tinha-se ausentado **antes mesmo do sr. dr. Armando,** o que reparo não produziu em nenhum dos nove membros da direcção, naturalmente porque o substituto, quando se ausentou, **ninguem tinha que substituir** e, tambem pela razão de nada perceber do Monte Pio.

E nem este facultativo foi chamado ao serviço, pela simples e concludente razão de que os effectivos se foram banhar com o presupposto por elles offerecido **de continuarem em exercicio das suas funcções clinicas,** o que o mesmo é dizer, percebe se bem, que não queriam ser substituidos, como não foram, e não desejavam perder em beneficio do substituto as remunerações que, por 30 dias, a este pertenceriam e que o medico Peixinho **não recebeu.**

Pelo que, o sr. dr. Armando (do mal o menor), se propôz vir a Aveiro todas as vezes que por qualquer socio fosse solicitado na sua residencia da rua Direita, onde teria pessoa que, a toda a hora, recebesse as chamadas e enviasse ao Pharol um automovel á sua custa.

Em todo este arranjo, houve, é cérto, da parte da direcção a que presidi, a complacencia para com os medicos effectivos, que sem rebuço confessei na assembleia geral, a ponto de não figurar nas actas uma queixa feita por um dos directores, mas a tolerancia tem a principal explicação na circumstancia que já referi na séde do Monte Pio, de eu não querer para com os auctores do folheto, severidades que podessem, ainda que velhacamente, filiar-se por alguma fórma no meu proximo parentesco com o medico Lourenço Peixinho, o que por vezes tambem fiz sentir aos meus collegas em sessões da direcção.

Reconstituidos os factos taes como são e se passaram, resta-me extranhar por hoje ao sr. dr. Pereira da Cruz que sua imponencia se não abstenha de affirmações insidiosas, que facil se desfazem como o fumo, porque a verdade ha de pairar acima de todas as inventivas e deturpações, emquanto existirem os nove homens honrados que commigo fizeram parte da direcção transacta, os quaes, nos pontos em que por ventura os documentos não bastem, estão ahi para fazer a prova, quando interpellados.

E, pela parte que me toca, estou preparado e prompto sempre.

Entenda me e fique entendido o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz e quem mais se lhe aggregar.

Aveiro, 4—6—908.

JOAQUIM S. PEIXINHO.

*

P. S —Sobre a attribuição cavillosa que se faz no folheto a meu irmão, é a elle a quem compete explicar a historia dos quinze mil réis, que recebeu do socio sr. Figueiredo. Breve será.

PEIXINHO.

REPUBLICA E RELIGIÃO

Andam as folhas clericaes e jesuiticas empenhadas em fazer acreditar aos ingenuos que a Republica e a Democracia são inimigos irreconciliaveis da Egreja e que, portanto, todos os republicanos e democratas devem ser alvo dos odios dos crentes que não sabem no que crêem e porque crêem.

Não ha, indiscutivelmente, maior absurdo, e até maior malvadez, do que esta. Porque ha absurdo e malvadez, perfeitamente distinctos, na theoria exposta pela seita clerical e jesuitica. Absurdo, porque Republica e Religião podem coexistir n'um mesmo estado, como se prova clara e evidentemente com o que se dá em toda a America, onde a forma de governo é a republicana, amplamente democratica, e onde a religião predominante é a catholica, que vive em plena liberdade, e ainda com o que se dá na França e na Suissa, onde nenhuma religião é perseguida pela Republica.

Vê-se, pois, que é um absurdo flagrante a pretendida irreconciliabilidade da Republica com a religião. O campo republicano é vastissimo e está aberto a todas as crenças, que n'elle cabem sem necessidade de pedir auxilio ás hostes reaccionarias. No campo republicano ha catholicos, protestantes e atheus, vivendo todos, no sentido politico, em fraternal comunidade, e seguindo cada qual, em sentido religioso, o caminho que a sua crença lhe indica.

Quem contesta similhante asserção? As folhas clericaes? Mas, em que se baseiam? Em argumentos *charros*, falhos de senso e de logica, de evidencia e de verdade e onde a malvadez transparece acima do absurdo.

Essa malvadez, oriunda do definhamento das forças reaccionarias pela democratisação do povo, a tudo leva o clericalismo e jesuitismo, já de si com tendencias para as mais torpes aventuras. E de tudo lançam mão, vendo perdida a sua preponderancia de longos tempos em face do espirito democratico que do nosso povo, dia a dia, vae apoderando-se, obedecendo ás leis naturaes da evolução.

Não é a Republica, não é a Democracia que provoca a queda da Egreja: é a propria Egreja que de per si se desmorona, mercê da sua intolerancia e da sua perniciosa obra de conservantismo e obscurecimento, com a qual por todos os meios e por todas as formas pretende obstar ao caminhar lento, mas constante, do progresso.

Quem escreve estas linhas não é um crente; é um descrente em tudo que encerre materia religiosa ou dogmatica; não obstante, eu aceito todas as crenças e respeito-as como exijo a todos que respeitem o meu frio scepticismo. Deus, para mim, não é mais que uma palavra vã, uma creação do cerebro humano enfraquecido por um misticismo incompreensivel. Mas, por que assim penso, não me julgo no direito de inhibir os meus similhantes de pensarem de forma contraria, e antes quero que elles me expliquem o *por quê* da sua crença.

Guerreamos as diversas facções religiosas, é certo, mas nenhuma d'ellas nos póde accusar de menos sinceros e leaes no ataque.

Procede assim a Egreja? Não! A Egreja, na sua intolerancia nefasta, pretende inhibir-nos a nós, que pensamos livremente e conforme a nossa consciencia, de expôr as nossas ideias e pede que contra os *impios* se reacendam as fogueiras de Torquemada e se restaurem os carceres de Loyola porque, obedecendo á evolução constante e natural do cerebro humano, ousamos contrarial-a nas suas doutrinas e theorias dogmaticas a que francamente chamamos absurdos.

—E' uma afronta—clama a Egreja contra o que nós pensamos, pedindo o nosso exterminio.

Da mesma forma nós poderiamos clamar; se não fossemos tolerantes para com todas as crenças.

Mas no que lhes doe, para lançarem a publico a afirmação insustentavel de que a Republica é inimiga da Religião, sabemos nós e sabem-n'o todos—é que a Republica não consentiria abusos nem prepotencias.

E' este o unico ponto em que póde estabelecer-se irreconciliabilidade.

A perda da influencia do espirito clerical e jesuitico, que tão escandalosa e nefasta tem sido, é a principal causa de aquella affirmação.

Mas o assumpto é vasto e para outra vez ha de ainda servir-nos para esta secção, cujo espaço, por hoje, já está occupado com as considerações ligeiras que ahi ficam.

JOÃO VERMELHO.

NOTICIARIO

José Estevam

A convite da antiga Commissão da estatua reuniram, na séde da Associação Commercial, sabbado ultimo, varios cavalheiros, sob a presidencia do snr. dr. Jayme Lima, a fim de se dar começo aos trabalhos preparatorios dos festejos que, no proximo anno, se devem realisar n'esta cidade em honra do grande tribuno José Estevam.

Entre aquelles que compareceram foi opinião geral e unanime que Aveiro não póde deixar passar em claro o centenario do nascimento do seu filho mais prestigioso.

Como, porém, esse centenario se completará em 26 de dezembro de 1909, quadra impropria para celebração das projectadas festas, que hão de revestir o maximo brilho e imponencia, parece ser ponto assente que ellas se effectuem em agosto, devendo fazerem parte do programma a elaborar-se, entre outros numeros importantes, a inauguração do monumento a Mendes Leite e uma exposição industrial.

A assembleia resolveu a final convocar-se para ámanhã uma nova reunião nos Paços do Concelho, convidando a Commissão da estatua todas as auctoridades, funccionarios, industriaes e as demais pessoas que se queiram associar ás grandes festas de 909, em Aveiro.

D. de R. e R. n.º 24

Desde ha muito tempo corre na cidade a voz de que o snr. tenente-coronel Jacintho Eduardo Pacheco, commandante d'esta repartição militar maltrata de palavras os soldados reservistas. As queixas são geraes e constantes.

O homem, que deixou n'uma das ilhas *gratissimas* recordações, tem continuado, em Aveiro, o louvavel costume de ser pouco cortez para com os subordinados que d'elle se approximam. Isto, porém, não póde continuar.

Consta agora ahi que ha poucos dias um official offereceu, no D. R. R., duas bofetadas a um reservista que ali foi em demanda da sua licença para se ausentar para o Brazil.

Até então maltratava-se de palavras, agora já se offerecem bofetadas!

Estamos a vêr que se pretende fazer da nossa terra uma roça de pretos.

Snr. Coronel Passos, commandante da 9.ª Brigada, providencias, providencias!

Carreira de tiro da Gafanha

Boletim do movimento, do tiro civil, do domingo ultimo:

Já classificados de 1.ª Classe: —José Sacramento, Jesué Ramos, Cunha Gil, João Machado, Gonçalves Victoria.

De 1.ª Classe:—Abilio Trancoso, João Nunes Pinguello, José Sobreira, Oliveira da Velha, Nunes Guerra.

De 2.ª Classe:—D. Lucia Machado, Angelo Ramalheira, dr. Samuel Maia.

De 3.ª Classe: — Rodrigues dos Santos, José Peixe, Francisco da Silva Pereira, Manoel Santos Pato, João Baptista Neves.

A créche

Este hospicio para creanças, situado ao alto da rua de José Estevam, e que nunca teve a nossa sympathia por d'elle se terem excluido os filhos naturaes (não sabemos bem por que carga d'agua) continua a existir, dizem-nos, por um capricho, e está sobrecarregando extraordinariamente os asylos nas suas receitas.

Não vae isto censura a ninguem. O nosso desejo unico é que se faça boa administração. Que necessidade ha de se estarem sacrificando os rendimentos dos asylos, se elles são tão precisos e necessarios?

Não ha quebra de nenhuma dignidade eliminar o que se reconhece não dar resultado.

Se vamos por caprichos, estamos arranjados.

Dr. Egas Pinto Basto

Pelo nosso patricio snr. dr. Egas Pinto Basto foi já apresentado á faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra o projecto de theses, que se propõe defender perante a mesma faculdade. Está encarregada da revisão das referidas theses uma commissão composta dos snrs. drs. Gonçalves Guimarães, Sousa Gomes e Anselmo Ferraz.

Serviço de comboios

Parece que a Companhia Real já deliberou conceder paragens em todos os apeadeiros e estações do caminho de ferro entre Porto-Aveiro e Coimbra-Aveiro, nos comboios que chegam a esta cidade ás 4,37 da tarde, procedente do norte e ás 11 da manhã, vindo do sul, isto não só no dia 18 do corrente, mas em todos os domingos em que houver touradas no redondel do Rocio.

Os passageiros vindos n'estes comboios terão regresso nos das 10,23 e 10,55 da noite.

Tanto aquelles comboios como estes serão para todos os effeitos considerados tramways.

A Ponte das Portas d'Agua

Aquella ratoeira que ali permanece de pé, na Barra, constitue um perigo constante para as vidas de muitas pessoas que transitam por ella em carros, pois que a maior parte das traves, que a sustem, estão podres e bem podres nos tôpos.

Façam-lhe uma vistoria rigorosa e verão quanta verdade ha em nossas palavras.

Ou querem que, antes d'isso, ali fiquem sepultados muitos cadaveres?

Os Gallitos

Coisa em que elles se mettam excede sempre, em brilhantismo, toda a espectativa. Assim tem acontecido, assim ha de acontecer de futuro. Briosos e alegres ra-

pazes, com muito amor a este nosso torrão natal, elles são a vida e alegria de Aveiro.

O «raid» burrical que ahi organisaram e realisaram no ultimo domingo foi uma festa engraçadissima, que deixou satisfeita toda a nossa população,

Sentimos luctar com falta de espaço para a ella nos referirmos minuciosamente, do que nos desculparão, por certo, os sympathicos «Gallitos» a quem cumprimentamos pelo successo obtido, fazendo votos para que continuem a proporcionar-nos divertimentos como o de domingo passado.

A' commissão promotora do «raid» em especial, as nossas calorosas felicitações.

Pesca

Em certas praias do nosso littoral já começou a «safra» iniciando na segunda-feira os seus trabalhos de pesca algumas companhias, pelo que já tem apparecido no mercado sardinha fresca e algum peixe graúdo, taes como robalos, cações, raias e corvinas.

Touros

Devem chegar a Aveiro, enjaulados, no dia 12, pela manhã, os touros que hão de ser lidados na tourada do dia 14.

Como já dissémos aqui, todo o gado foi adquirido no Ribatejo por compra feita pelo emprezario da praça ao acreditado creador de gado bravo, snr. Eduardo Santos, de Vallada.

Pachequices

Pacheco, nobre Pacheco, que a cidade muito *aprecia e estima*, Pacheco, o heroico Pacheco, castigou injustamente ha tempos um cabo do D. de R. e R. n.º 24 com tres dias de detenção. O cabo castigado reclamou e seguindo a reclamação os termos da lei verificou-se assistir inteira justiça ao reclamante. Da 5.ª Divisão veio ordem para o cabo recolher ao regimento n.º 24, sendo declarado nullo o castigo applicado.

Pacheco engoliu o castigo.

Illustrissimo Pacheco!

Capitão Antunes

Na quarta-feira falleceu n'esta cidade, pela 1 hora da tarde, o snr. José Antonio Antunes, capitão de infanteria 24, cavalheiro honestissimo e muito apreciado pelos seus grandes dotes de coração e caracter.

Sentimos profundamente a morte d'este nosso amigo, que era um militar distincto e chefe de familia exemplarissimo. O seu funeral, que foi muito concorrido, realisou-se no mesmo dia por 8 horas, prestando as honras funebres, á porta do cemiterio, sob o commando de um capitão, uma companhia do 24 de infanteria, a qual deu as descargas da ordenança.

A' familia enluctada apresentamos a sentida expressão do nosso pezame.

Variola

Dizem-nos grassar com intensidade, por ahi, a epidemia variolica, tendo sido atacadas em uma casa, no Alboi, nada menos de sete pessoas, o que é gravissimo. A's auctoridades sanitarias pedimos as mais energicas providencias no intuito de obstar-se ao alastramento de tam horrivel mal.

Bombeiros Voluntarios

Esta sympathica e humanitaria instituição, que vem de ser reorganisada, está em festa ámanhã, por motivo da benção da sua bandeira, ceremonia esta que se effectuará na egreja da Misericordia, pelas 11 horas da manhã, com assistencia de toda a corporação.

A's tarde, pelas 4 horas, irá todo o corpo de bombeiros acompanhado da respectiva banda cumprimentar os commandantes, fiscal da ambulancia e auctoridades locaes, subindo, n'essa occasião, ao ar grande quantidade de girandolas de foguetes.

O quartel, caprichosamente engalanado, estará exposto ao publico durante todo o dia.

TAUROMACHIA

E' no proximo dia 14 do corrente que se inaugura a epoca tauromachica, no vasto *redondel* do Rocio.

Pelo que é sabido, vemos que o arrojado emprezario snr. Domingos João dos Reis se propõe a apresentar-nos os nossos primeiros artistas, tanto de pé como a cavallo e ainda a avocar outros que na passada epoca provaram possuir predicados para *enaiparem* no diminuto numero dos nossos primeiros *peões*, disposições estas a que não regateamos louvores.

Trataremos agora da parte principal das corridas, sem a qual os esforços empregados para o lusimento d'este espectaculo de nada valem e a *gana* dos artistas sossobra—a qualidade das rezes a lidar—as quaes não teremos duvida em affirmar que sahirão nobres e cumpridoras, se tivermos em vista a reputação do abastado *ganadero* Eduardo dos Santos, a quem o activo emprezario da praça de touros do Rocio comprou os curros que hão de exibir-se na presente epoca.

E, avançando, passaremos a apresentar aos nossos leitores o *cartel* que nas proximas touradas fará as delicias dos espectadores: Como cavalleiro presta a *lucir-se* o destemido e sympathico Morgado de Covas, que pela segunda vez piza a nossa arena a contento dos mais exigentes. Da *infanteria* temos Jorge Cadete que, a par d'uma elegancia em todos os trabalhos que executa, não despreza os minimos preceitos estatuidos pelas leis taurinas. Malagueño, que bandarilha a *quiebro* e a *quarteio*, sendo eximio na *brega*. Francisco Xavier, *peão* de arrojo, serenidade e saber. Luciano Moreira, que ainda não tivemos o prazer de vêr tourear depois da sua entrada no Campo Pequeno, mas ao que nos consta está rijo e José Costa que nos dizem estar afinado.

Com taes elementos não será preciso dizer que vamos ter uma tourada que deixará gratas recordações.

Oxalá assim succeda, para contento d'artistas, emprezario e muito especialmente do respeitavel publico.

X.

Chronica de Cacia

MONARCHIA E REPUBLICA

—Oh! meu pae! agora que se falla tanto em monarchia e Republica, diga-me: o que quer dizer uma e outra coisa?

—Tens muito empenho em saber?

—Tenho, sim senhor!

—Vamos então lá a vêr se consigo fazer-me comprehender por ti. Olha, *monarchia* quer dizer: governo d'um só; ou por outra: é aquella fórma de governo em que uma entidade monopolisa todos os poderes em detrimento da communidade. Essa entidade chama-se *rei* ou *imperador*. Como vês, n'este regimen, a soberania reside exclusivamente no rei ou no imperador e não no POVO que, por outras palavras, quer dizer que vale mais a vontade d'um só que milhões de vontades. E', portanto, o regimen do privilegio, da injustiça, da mentira e da corrupção. A elle tem interesses ligados uma pequena minoria de parasitas que constituem a côrte e que são os cortezãos, os fidalgos, o alto clero e os grandes syndicateiros e traficantes, qual d'elles o maior explorador da miseria do POVO. Todos estes cavalheiros medram á custa do trabalho honrado do POVO, que muitas vezes não terá uma codea para matar a fome a si e aos seus, mas que sempre ha-de arrancar, quer queira quer não, á sua miseria uns magros cobres para, a titulo de impostos manter a orgia em que constantemente vivem. Pode-se, pois, dizer, sem risco d'exagero, que na monarchia o POVO só tem deveres e não direitos. Assim o rei quer mais dinheiro? O povo não póde recusal-o. O rei quer dispôr da vida e da honra do cidadão? Ai d'aquelles que se lhe oppuzerem! E' o despotismo e a tyrannia no seu maior significado.

Como se isto fosse pouco, ainda por cima vem o escarneo da hereditariedade. Por ella um filho d'um rei herda uma nação e um POVO como se a nação fosse uma roça e o POVO um bando de escravos. Já viste maior absurdo? Já viste coisa que mais choque a razão humana? Com tal regimen, se quizermos ser logicos, temos de reconhecer que o POVO veio ao mundo sómente para argamassar com a sua miseria, com o seu suor, com o seu sangue, a felicidade d'uma familia priviligiada, soffrendo, trabalhando e batendo-se sempre em beneficio de meia duzia.

Tal é, em poucas palavras, a belleza da *monarchia absoluta* que já tivemos em Portugal e que, ainda hoje, tem os seus arraiaes na Russia para desgraça d'aquelle paiz.

Ora, o POVO portuguez, farto de tanta tyrannia e despotismo, repontou com os seus algozes e veio para a revolução á conquista de liberdades e garantias. Como levasse a melhor no campo da lucta, os seus inimigos não tiveram remedio senão transigir com elle, concedendo-lhe um regimen menos cruel, é facto, mas mais hypocrita, ou seja a *monarchia constitucional*, na qual a soberania é partilhada a meias pelo rei e pelo parlamento como representante do POVO. Estás a vêr o absurdo que isto é: a coexistencia de duas soberanias que se hostilisam a cada passo. E' o mesmo que pôres dois gallos no mesmo poleiro; um ha-de fatalmente dar cabo do outro. Assim tem succedido effectivamente no nosso paiz: a soberania popular foi sempre calcada e cuspida pela soberania real com a cumplicidade dos ministros e da camarilha que o POVO sustenta e apaparica.

Assim: o rei quiz mais dinheiro do que aquelle a que legitimamente tinha direito? Os ministros não se fizeram rogar e pressurosamente puzeram á disposição do rei os cofres do paiz; —d'ahi os chamados *adeantamentos illegaes* á casa real; o rei entendeu que o POVO tinha regalias e liberdade em excesso que era preciso restringir? Os ministros, como lacaios consumados, não tiveram pejo em subscrever os mais repugnantes diplomas, cerceando as prerogativas populares como por exemplo: a lei de 13 de fevereiro, a reforma administrativa de 1895, a lei eleitoral, mais conhecida pela *ignobil porcaria*, etc., etc,

Por esta lei nunca o POVO poderá eleger, em numero condigno, os seus verdadeiros representantes no parlamento, o que equivale a dizer mais uma vez que a soberania real é que prevalece.

Ora ainda admittindo que o parlamento era a genuina expressão da vontade popular, e que aquelle se encontra em conflicto com a vontade do rei, sabes o que succedia? O rei, ás duas por tres, dissolvia o parlamento e mais uma vez a soberania popular era ludibriada.

Mas, em Portugal, a monarchia não tem só roubado a liberdade ao POVO; tem promovido a fóme e o seu definhamento pelo aggravamento dos impostos; tem-lhe negado a instrucção e a assistencia, pois que em cada 100 portuguezes 75 não sabem lêr nem escrever, como provam as estatisticas e, agora mesmo, deves ter lido nos jornaes que, em Traz-os-Montes e no Algarve, se morre de fome, sem que os poderes publicos se incommodem com isso; inclusivamente, até nos rouba a vida, se tanto lhe apraz, como o demonstrou o ultimo morticinio de 14 cidadãos indefesos, cujo crime foi o de quererem zelar o cumprimento da lei.

Em vista d'isto já vês que a chamada *monarchia constitucional* pouco diverge da *absoluta*, e o unico remedio para todos estes males é o POVO assumir o exercicio pleno da sua Soberania, o que só póde realisar-se pela implantação da *Republica*.

Cacia, 26—5—908.

Aido de Cima.

HORARIO DOS COMBOIOS

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS A LISBOA
8,36 da m. (omnibus)	5,7 m. da tarde
10,6 m. da m. (rapido)	2,38 m. da tarde
4,37 m. da t. (omnibus)	11,58 m. da noite
6,14 m. da t. (rapido luxo)	10,48 m. da noite
10,55 m. da n. (correio)	6,25 m. da manhã
12,16 m. da t. (tramway)	Chegada á Figueira ás 3,38 t.

PARTIDAS DE AVEIRO	CHEGADAS AO PORTO
3,54 m. da m. (tramway)	6,32 m. da manhã
5,45 m. da m. (omnibus)	7,47 m. da manhã
11 h. da m. (tramway)	1,51 m. da tarde
2,5 m. da t. (rapido luxo)	3,22 m. da tarde
5,34 m. da t. (omnibus)	7,46 m. da tarde
9,55 m. da n. (rapido)	11,19 m. da noite
10,23 m. da n. (omnibus)	12,26 m. da noite

ANNUNCIOS

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

POR este juizo e cartorio do escrivão do 4.º officio, Flamengo, nos autos de execução hypothecaria em que é exequente Albino Antonio Rebello Sebolão, casado, proprietario, de Pardelhas, comarca de Estarreja, e executados Serafim de Deus da Loura e mulher Angelica Ramos da Maia, negociantes, e Luiz Mathias Rodrigues, viuvo, lavrador, todos d'esta cidade, vae, pela segunda vez, á praça, no dia 21 do proximo mez de junho, por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal d'esta cidade, para ser arrematado por quem mais offerecer, acima do preço em que é posto em praça, que é metade da sua avaliação, o seguinte predio penhorado na mencionada execução, e pertencente ao executado Mathias:

Um pinhal e matto com seu respectivo terreno e mais pertenças, sito na Cova do Ouro, freguezia de Esgueira, no valor de 27$500 réis.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante, sendo a contribuição de registo paga nos termos da lei.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas, incertas, que se julguem interessadas na alludida arrematação para virem deduzir os seus direitos, sob pena de revelia.

Aveiro, 25 de maio de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O escrivão do 4.º officio,
João Luiz Flamengo.

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

POR este juizo e cartorio do escrivão do 4.º officio, Flamengo, nos autos de execução hypothecaria, em que é exequente Albino Antonio Rebello Sebolão, casado, proprietario, de Pardelhas, comarca de Estarreja, e executados Serafim de Deus da Loura e mulher Angelica Ramos da Maia, negociantes, e Luiz Mathias Rodrigues, viuvo, lavrador, todos d'esta cidade, vão á praça no dia 21 do proximo mez de junho, por onze horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal d'esta cidade, para serem arrematados por quem mais offerecer, acima dos seus valores, os seguintes predios penhorados aos executados:

Uma morada de casas altas, a do poente, com todas as suas pertenças, sita no Bairro João Affonso, rua Abel Ribeiro, freguezia da Vera-Cruz, no valor de 426$940 réis, foreira á Camara Municipal de Aveiro em 1$153 réis annuaes, sem laudemio;

Outra morada de casas altas no mesmo sitio, a do nascente, pegada áquella, com suas pertenças, no valor de 617$560 réis, foreira á mesma Camara em 1$622 réis annuaes, sem laudemio.

Todas as despezas da praça serão por conta do arrematante, sendo a contribuição de registo paga nos termos da lei.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas na alludida arrematação, para virem deduzir os seus direitos, sob pena de revelia.

Aveiro, 25 de maio de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O escrivão do 4.º officio,
João Luiz Flamengo.